

Nos corredores do esquecimento

FOTOS: JOSEMAR GONÇALVES

Pacientes com alta são abandonados pelas famílias em leitos de hospitais

FREDDY CHARLSON

O doente chega ao hospital público, é socorrido, medicado e, um dia, recebe alta. Pronto. Hora de voltar para casa, certo? Errado. Pelo menos em alguns casos. Insensível, desiludida, egoísta, cansada, a família prefere abandonar o ente não tão querido em uma maca. E, sem saber, ele, o doente, passa, de vítima, a ser um problema ao ocupar, por tempo indefinido, um leito na já saturada rede pública de saúde. O problema ocorre em quase todos os hospitais. Em uns, mais. Em outros, menos.

Saionara Roseane da Silva, por exemplo, está lá, deitada em uma maca na Psiquiatria do Hospital de Base do Distrito Federal. Ela sofre de problemas mentais. A família mora em Vila Velha (ES) e não quer mais saber

da moça, de 30 anos. Por isso, Saionara está só. A família diz que a moça é um poço de problemas. Foge de casa sempre que pode, viaja pelo mundo, dá trabalho. "É um suplício", conta a mãe. Por isso, não quer mais a filha.

Outro abandonado, largado nesse mundo de Deus, é Antonio de Oliveira Bastos, 57, que sofre sangramento na próstata, com a pressão alta. As assistentes sociais do Hospital Regional de Sobradinho lamentam que a família de Antonio não "dê a mínima" para o senhor nervoso, que pronuncia frases indecifráveis desde que chegou, há dez

dias.

Desesperador também é o caso de Jair Pereira Sabino, 49, filho de Grão-Mogol, em Minas. Com tuberculose, ele chegou ao HRS levado por uma vizinha, comovida com o estado de penúria em que ele se encontrava. Sem comida e roupas limpas em casa, Jair conta que não tem ninguém aqui. "Fui abandonado, só saio daqui quando morrer", diz, deitado numa maca no corredor do hospital, sempre cheio de gente com todas as suas doenças.

A Subsecretaria de Planejamento e Políticas da Saúde do GDF não sabe quantos pacientes são abandonados pela

família nos hospitais da rede pública, nem tem idéia sobre o que eles representam em termos de prejuízo. O que se sabe é que se trata de uma situação contínua, que sensibiliza

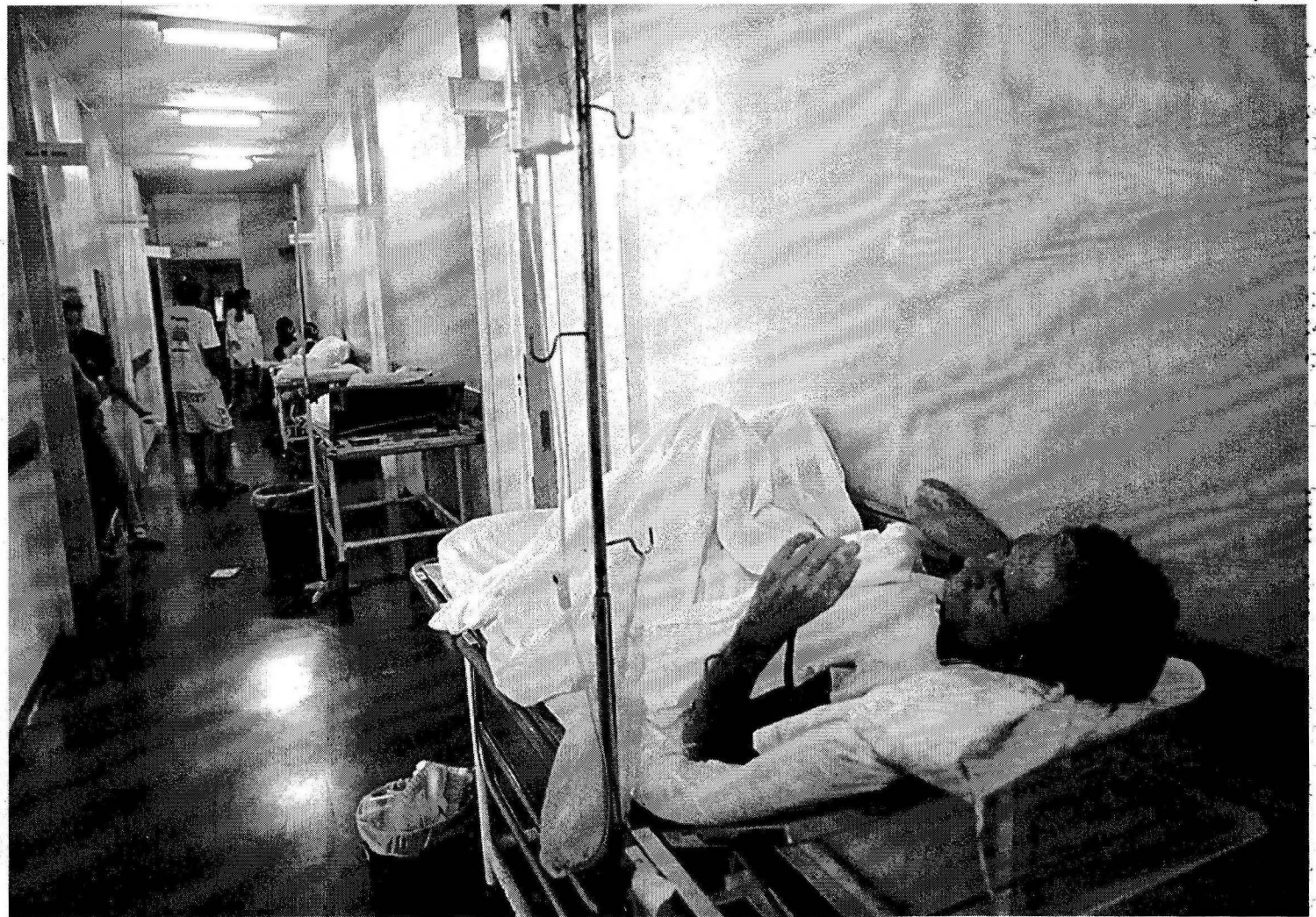
No Hospital de Sobradinho, por mês,

10

leitos são ocupados por pacientes esquecidos

médicos, enfermeiros, assistentes sociais e até doentes que ficam na maca ao lado e que têm a bênção de receber visitas

Em Sobradinho, por exemplo, a média é de oito a dez leitos regularmente bloqueados por pacientes nesse tipo de situação. "A família abandona o doente e quer que o hospital aja como assistência social", lamenta o diretor do HRS, Joaquim Fernandes. Ele diz que, muitas vezes, o paciente abandonado é aquele que vem do Entorno, trazido por ambulâncias de prefeituras. "A prefeitura traz, mas quando o doente está curado e ela não busca", diz.



Além de ocupar leitos em uma rede já saturada, os pacientes abandonados tem sua recuperação prejudicada pelo desânimo